

Orientalismo e construção colonial da simpatia

Lorenzo Macagno¹

Resumo: O artigo indaga as narrativas de simpatia que, durante o período tardo-colonial, construíram-se em torno dos chineses de Moçambique. A partir dessa experiência histórica específica, o ensaio explora as afinidades entre o orientalismo e o lusotropicalismo. Para tanto, parte do pressuposto de que tanto a imaginação orientalista quanto a lusotropicalista englobam um paradoxo intrínseco: aproximam e empatizam ao mesmo tempo que exotizam e marcam diferenças. Essa operação de aproximação-distanciamento foi realizada, sobretudo, pelos cronistas da época, que enxergavam os chineses como “bons portugueses” e bons esportistas. O esporte (as corporalidades, as sensualidades, as sociabilidades) foi o mapa cognitivo a partir do qual era possível ler e interpretar o caráter, o modo de ser e o *ethos* dos luso-chineses de Moçambique.

Palavras-chave: Luso-chineses; Moçambique; Orientalismo; Simpatia; Lusotropicalismo.

ORIENTALISM AND THE COLONIAL CONSTRUCTION OF AMIABILITY

Abstract: The present article examines the narratives of amiability that, during the late-colonial period, were built around the Chinese of Mozambique. Based on that specific historical experience, the essay explores the affinities between Orientalism and Lusotropicalism. To do so, it assumes that both Orientalist and Lusotropicalist imaginations encompass an intrinsic paradox: they approximate and empathize at the same time that they exoticize and mark differences. This approximation-distancing operation was carried out, above all, by the journalists of the time, who saw the Chinese as “good Portuguese” and good sportsmen. Sport (bodiliness, sensualities, sociabilities) served as a cognitive map from which it was possible to read and interpret the character, the way of being and the ethos of the Luso-Chinese of Mozambique.

Keywords: Luso-Chinese; Mozambique; Orientalism; Amiability; Lusotropicalism.

¹ Professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, Brasil, e investigador colaborador do CESA (ISEG/ULisboa) desde 2019. Foi bolseiro de várias instituições, dentre elas: Fundação Calouste Gulbenkian; SEPHIS (The South-South Exchange Programme for Research on the History of Development); Fondation Maison des sciences de l’homme (Programme HERMES). Entre 2017 e 2018, foi director regional (região Sul) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). <https://orcid.org/0000-0002-3464-9524>; E-mail: lorenzomacagno@hotmail.com.

Introdução

As páginas que seguem exploram a relação entre orientalismo e lusotropicalismo a partir de uma experiência histórico-antropológica específica: a dos chineses de Moçambique ou, mais exatamente, a dos cantoneses da cidade da Beira, no período tardo-colonial, entre 1950 e 1960.² Sabemos que, desde seus primeiros trabalhos, Gilberto Freyre evidenciou uma marcante arabofilia e uma inequívoca admiração pelas culturas que gravitavam em torno do Islã (Castelo, 2008, pp. 295-315; Cruz e Silva, 2012, pp. 51-69; Macagno, 2012, pp. 51-69, 2013, pp. 11-31). No entanto, como veremos, suas fantasias orientalistas se alimentaram, também, da experiência propiciada pelo contato dos portugueses com os habitantes do sul da China (Guangdong).

Partimos de um pretexto quase anedótico: uma micro-história que relata um fragmento quase perdido daquele contato. Trata-se de uma crônica intitulada “A China dentro de nós”, escrita por Mia Couto, em que o escritor evoca lembranças da sua infância na Beira. Naquelas brevíssimas páginas, narra sua amizade com as crianças chinesas e, sobretudo, com Ching, seu colega da escola primária António Enes, situada no bairro do Maquinino (e hoje denominada Escola Heróis de Moçambique). Aquele relato fornece a ponta de um *iceberg*: o paradigma indiciário (Ginzburg, 2011, pp. 143-179) de uma significativa fonte de experiências que alimentou imaginações, expectativas e, como pretendemos mostrar, imputações orientalistas das mais variadas. Na evocação do escritor, aparecem alguns inconfundíveis marcos daquele importante porto do Índico: o rio Chiveve, os bairros da Beira (a Munhava, a Manga, o Macuti, o Maquinino), os pescadores de mussopo, as vendedoras de marola e, claro, os chineses. Mia Couto os retrata da mesma forma como eles hoje, dispersos pelo mundo, gostam de se autoapresentar: como grandes basquetebolistas!

Certo dia, ele [Ching] me convidou para assistir a um desafio de basquetebol. Jogava o seu clube do peito, o Atlético Chinês... Mas Ching simplesmente pretendia que eu testemunhasse as incomparáveis artes de uma jogadora que integrava a seleção nacional portuguesa nesse mesmo ano. Chamava-se Sui Mei. Mas não foi o desempenho desportivo que mais me impressionou. O que

² Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a diáspora luso-chinesa, originária de Moçambique. A etnografia iniciou-se em Curitiba, por volta de 2006. Essa cidade foi o principal destino dos luso-chineses que saíram de Moçambique nas vésperas e imediatamente após a independência, ou seja, entre 1974 e 1977. O encontro com essa comunidade, em Curitiba, obrigou-me a retomar preocupações analisadas na minha tese de doutorado (2000) sobre assimilacionismo, colonialismo português e mitologias lusotropicalistas.

me marcou, para sempre, foi a graciosidade sorridente com que ela evoluía no campo como se o jogo fosse um bailado partilhado e não uma contenda entre lados opostos. A afabilidade de Sui Mei parecia estar curando a nossa cidade de uma ferida secular (Couto, 2010, p. 41).

Sui Mei, veremos, não é uma simples personagem saída da imaginação literária de Mia Couto. Existiu realmente. Os chineses da diáspora – aqueles com os quais conversei em Curitiba, São Paulo, Lisboa e Nova York – recordam-na com vivacidade.³ Na janela através da qual Mia Couto nos convida a espreitar o mundo beirense, aparecem duas dimensões que gostaria de salientar. Ambas constituem o cerne da reflexão que pretendo desenvolver: 1) Sui Mei integrava a seleção nacional portuguesa. Era, portanto, uma “boa portuguesa”; 2) A segunda dimensão nos obriga a tematizar um certo fascínio orientalista do qual, neste caso, nem sequer Mia Couto consegue se furtar: “o que me marcou”, diz, foi a “graciosidade sorridente” de Sui Mei. Graciosidade, afabilidade e simpatia. Na Beira tardo-colonial, eram precisamente esses atributos os que a mídia local usou para retratar os chineses.

As lembranças acima evocadas se referem a um período que coincide com o momento de maior esplendor da comunidade chinesa naquela cidade moçambicana. Era uma época, lembremos, em que Portugal buscou reforçar a sua ideologia colonial em termos de um suposto multirracismo exercido nas chamadas Províncias Ultramarinas. Era preciso, pois, que os “súbditos chineses” se tornassem bons cidadãos portugueses. Essa portugalização, veremos, foi promovida sobretudo através do esporte e, mais especificamente, do basquetebol. Foi através dessa lente que os colonos chineses ganharam notoriedade. Partindo dessa experiência específica, de fontes documentais e de uma pesquisa de campo multi-situada, as páginas que seguem exploram as conexões entre orientalismo, lusotropicalismo e construção colonial da simpatia.

De Guangdong a Moçambique

Os chineses começaram a se instalar em Moçambique a partir da segunda metade do século XIX. Em várias regiões do mundo, a partir daquele período, como consequência do fim do tráfico de escravos, as grandes companhias – e os proprietários das *plantations* – começaram a incorporar a força de trabalho chinesa

³ Sui Mei era irmã de Chim Hung Chong, mais conhecido entre os chineses de Beira como “Chonguito”. Chong foi, também, treinador de basquete, além de se dedicar, como aficionado, à fotografia e à caça.

proveniente, sobretudo, da província Guangdong, no sul da China. Algumas ilhas do Oceano Índico e do Caribe receberam, naquela época, os primeiros *coolies*.⁴ É precisamente no ínterim desse processo que a mão de obra chinesa começou a chegar à África Oriental e à África do Sul. Em Moçambique, a maioria dos chineses se instalou na cidade da Beira. Alguns anos mais tarde, a chamada Companhia de Moçambique (1891-1942) recebeu a concessão dos territórios de Manica e Sofala, cuja capital era, precisamente, Beira.

Os primeiros contingentes eram, na sua maioria, compostos por pequenos artesãos e carpinteiros; outros se dedicariam à pesca e à horticultura. Ao longo de décadas, numerosas companhias de capital britânico, tais como a South African Timbu, a East African Shipping, a Allen Wack e a The Beira Boating Company, instalaram-se na região, incentivadas pela existência do corredor econômico e comercial entre Rodésia e Beira, cujo porto constituía a única saída ao mar para o país vizinho. Muitos chineses, bem como seus descendentes, foram empregados por essas filiais.⁵ Os filhos daqueles pioneiros, já nascidos em Moçambique, destacaram-se, sobretudo, como comerciantes e donos de restaurantes. Alguns foram empregados como pequenos funcionários da administração colonial, no porto e na alfândega. Mais tarde, os mais bem-sucedidos conseguiriam fazer fortuna, atuando como empresários e construtores.

Muitas das primeiras famílias que chegaram a Moçambique não romperam seus vínculos com Guangdong ou com a China em geral. Alguns dos filhos e netos dessa primeira geração foram enviados para estudar – ou mesmo para passar um período com a parte da família, que não pôde se deslocar a Moçambique – em Macau e Hong Kong. Já na década de 1930, os violentos ataques japoneses às aldeias de Guangdong, durante a guerra sino-japonesa, fizeram com que aqueles que ainda esperavam retornar à China mudassem definitivamente de ideia. Assim, a África passou a ser um destino definitivo.

Vale a pena lembrar que a história da província de Guangdong está intimamente relacionada ao tortuoso processo de construção do nacionalismo chinês, que, por sua vez, teve profundas repercussões entre as comunidades chinesas do ultramar. Em 1895, após formar a Sociedade para a Refundação da

⁴ O termo “*coolie*” provavelmente deriva do hindi “*quli*”, cujo significado é trabalhador sazonal. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, o termo foi utilizado para nomear os trabalhadores de baixo *status*, provenientes da Ásia e da Índia. Com o tempo, foi assumindo o viés de um epíteto racial.

⁵ Ao que parece, essas companhias ofereciam bastante estabilidade econômica aos seus funcionários chineses, pagando-os geralmente em escudos, libras esterlinas e ouro. (Informação pessoal de A. Y., Nova York, 28/05/2010.)

China, Sun Yat Sen decidiu que a província de Guangdong seria o ponto de partida das atividades revolucionárias. O papel que as associações chinesas cumpririam no exterior seria fundamental na promoção da causa republicana. A principal dessas associações – com filiais em vários continentes – era a Chee Kung Tong (Sociedade Secreta Chinesa), cujos códigos e práticas associativas respondiam aos princípios da maçonaria. Suas origens remontam ao século XVIII, quando seus associados pretendiam conspirar contra a dinastia Ching, ligada aos Manchu. A partir do século XIX, as filiais da Chee Kung Tong se estenderam por todo o Sudeste Asiático, Estados Unidos, Canadá, Austrália, África do Sul e, como veremos, Moçambique.

Os primórdios do associativismo chinês em Moçambique remontam à primeira metade da década de 1920, quando foi criada, na cidade da Beira, a associação Chee Kung Tong Club, que respondia, no ultramar, às mencionadas lealdades republicanas e nacionalistas inspiradas em Sun Yat Sen. Seus estatutos foram legalmente aprovados em 22 de fevereiro de 1923, pela Ordem nº 4.449 do Governo do Território da Companhia de Moçambique. Conforme essa normativa, a Chee Kung Tong era considerada uma associação beneficente e de instrução, cuja finalidade era promover o bem-estar moral e material da comunidade chinesa. A partir da década de 1930, ela passou a ser classificada, em virtude da reforma administrativa do ultramar, como “corporação administrativa”. No final de 1923, a associação conseguiu finalizar a construção da sua sede: tratava-se de um importante edifício situado na “baixa”, no centro da cidade que seria popularmente conhecido como Clube Chinês.

Em 1943, o Chee Kung Tong Club solicitou às autoridades um terreno que fosse utilizado para a “prática de exercícios físicos e desporto”. O terreno encontrava-se precisamente ao lado da sede, ou seja, junto ao prédio do Clube Chinês. Em 23 de dezembro de 1943, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal da Beira resolveu autorizar, a título provisório, a concessão do terreno à Associação Chee Kung Tong Club (AHM, 1943, p. 4). Nesse local, seriam construídas, tempos depois, a Escola Chinesa e a quadra de basquetebol do Thung Hua Athletic Club, depois conhecido como Atlético Chinês ou, simplesmente, “Atlético”. Na década de 1940, ou seja, em pleno Estado Novo, o Chee Kung Tong Club era considerado uma instituição de “beneficência, recreio, educação e instrução” da comunidade chinesa residente na Beira. Como tal, possuía determinadas limitações jurídicas para a aquisição permanente de alguns imóveis.

Em virtude dessas limitações, o processo de aquisição e posse do terreno solicitado esteve sujeito a alguns questionamentos por parte das autoridades do município.

Ao longo das décadas de 1950 e 1960, o Clube Atlético Chinês manteve uma intensa atividade desportiva e associativa, até que, entre 1974 e 1975, os luso-chineses⁶ começam a sair do país. Kwin Yin foi, em 1952, um dos primeiros presidentes da Associação Chinesa e do Clube Atlético Chinês. Posteriormente, a presidência do Atlético foi assumida por Chin Yok Chong – mais conhecido como Chong.⁷ Após o falecimento de Chong em virtude de uma grave doença, o Atlético Chinês passou a ser presidido por José Sousa Low e, finalmente, por Poo Qun, no início dos anos de 1970.

Como anunciamos, o Atlético Chinês destacou-se, sobretudo, no âmbito do basquetebol. Convém, contudo, recordar que o basquetebol não foi o único esporte praticado pelos chineses da Beira. Naquela época (1950-1960), muitos também se dedicaram ao tênis de mesa, ao badminton e às artes marciais.⁸ Alguns, inclusive, chegaram a fazer suas incursões como jogadores de futebol em alguns dos clubes locais.⁹ Porém, foi através do basquetebol que os chineses ganharam notoriedade. Não sabemos exatamente o porquê da eleição desse esporte; tampouco conhecemos o motivo da iniciativa de construir, junto ao Clube Chinês (Chee Kung Tong), uma quadra de basquetebol. É possível que essa decisão estivesse relacionada com os intensos vínculos pessoais, associativos e políticos que os

⁶ Nas fontes coloniais, os membros desse grupo são nomeados, em geral, “chineses” e, em outras ocasiões, “súditos chineses”. Mas, em alguns casos, o termo “luso-chinês” também é empregado. Nos censos coloniais eram classificados como “amarelos”. Eduardo Medeiros, no seu trabalho pioneiro, prefere falar em termos de “sino-moçambicanos”. Cabe lembrar que, no período colonial, o termo “china” também era utilizado, ainda que assumindo, por vezes, a forma de um epíteto estigmatizador. A categoria nativa, ou seja, aquela utilizada pelos próprios chineses da Beira nas suas conversas íntimas é a de “*bei-la yan*”, que, em cantonês, significa “pessoas da Beira” ou, simplesmente, “beirenses”. Ao longo deste trabalho, usarei uma combinação das duas categorias nativas – a do “colonizador” – que enfatiza o aspecto etno-nacional (chinês) – e a dos próprios “chineses”, que enfatizam o local de nascimento, ou seja, Beira. Portanto, farei referência a eles como “chineses da Beira” e como “luso-chineses”.

⁷ Chin Yok Chong era, também, o sócio principal da firma “Sociedade Oriental Comercial, Lda.” (Diário de Moçambique, Beira, 03/06/1968, p. 2). Era casado com a filha de Voi You (mais conhecido como “Matacanha”), um importante comerciante e empresário local vinculado, também, ao Atlético Chinês.

⁸ Ver, sobretudo, Medeiros (2013, pp. 43-81).

⁹ Alguns chineses jogaram nas equipes de futebol do Centro Recreativo Indo-Português (CRIP). Dentre os clubes que existiam na época na Beira, podemos citar Sporting Clube da Beira; Sport Lisboa e Benfica; Grupo Desportivo Africano da Beira. Cabe recordar que Sheu Han, um dos grandes jogadores da história do Benfica de Portugal, é filho de um chinês “beirense” (que vive, atualmente, em Curitiba) e de uma mulher africana. Sheu nasceu, na verdade, em Inhassoro, onde muitos chineses – incluindo o seu pai – dedicavam-se à exportação de peixes.

chineses beirenses mantinham com os seus pares da Rodésia e da África do Sul, onde também existiam associações, clubes e escolas semelhantes às da Beira. Em Joanesburgo, por exemplo, a comunidade chinesa tinha conseguido construir uma quadra de basquetebol próxima das instalações da Overseas Chinese School, também conhecida como Johannesburg Chinese School. Em 1939, seus pupilos – graças às iniciativas de Fok Yu Kam e Leong Pak Seong – conseguiram formar uma equipe chamada “629”, que chegou a jogar contra a equipe de Pretória (Yap & Leong Man, 1996, p. 290). A partir de 1950, as disposições segregacionistas do Group Areas and the Resevation of Separate Amenities impediu que chineses da África do Sul participassem de torneios com outros – na linguagem do *apartheid* – “grupos raciais”. Naquele momento, e para neutralizar o ostracismo provocado por tal medida segregacionista, o Atlético Chinês, com os seus pares “orientais” da África do Sul e da Federação da Rodésia e Niassalândia, começou a organizar torneios regionais de basquetebol. Assim, os chineses da Beira passaram a viajar com mais frequência a Salisbury, Pretória e Joanesburgo.

Os chineses e o multiracialismo português

A partir de 1950, *Diário de Moçambique* e *Notícias da Beira*, os dois jornais mais importantes da região, começam a retratar as atividades esportivas e sociais desenvolvidas pelo Atlético Chinês.¹⁰ Cabe lembrar que o *Diário de Moçambique* fora criado em dezembro de 1950 pelo famoso bispo da Beira, Sebastião Soares de Resende; já o jornal *Notícias da Beira* pertencia ao “homem de negócios” Jorge Jardim, quem, aliás, tinha estreitos vínculos com a comunidade chinesa da Beira.¹¹ Naquela época, o protagonismo do Atlético Chinês, bem como das várias associações chinesas, tornava-se cada vez mais intenso. Tal visibilidade coincidiu justamente com o momento no qual a administração colonial portuguesa procurou reagir aos ventos independentistas que atingiram a África e a Ásia na década de 1950. Essa reação assumiu – sobretudo após o início das chamadas guerras de libertação nacional em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde – a forma

¹⁰ Consultei os jornais *Diário de Moçambique* e *Notícias da Beira*, citados no presente artigo, no Arquivo Histórico de Moçambique, em Maputo, em 2009. Essa pesquisa documental foi possível graças à generosa ajuda e colaboração do historiador António Sopa.

¹¹ O engenheiro Jorge Jardim foi agente secreto e consultor de Salazar e chegou, em algum momento, a vislumbrar a possibilidade de uma independência para Moçambique que não comprometesse os interesses dos colonos brancos. Uma das suas secretárias particulares foi uma “luso-chinesa” que atualmente vive em São Paulo, a quem entrevistei em 2 de novembro de 2008.

de uma crescente implementação de “ações psicossociais”, visando à transformação de africanos em agentes/defensores ativos da ordem colonial. Tratava-se, portanto, de aplicar estratégias para seduzir os potenciais aliados na defesa da causa do denominado multirracismo português. Os chineses da Beira constituíam um grupo cuja lealdade a Portugal deveria ser promovida e estimulada.

Entre o final da década de 1950 e o início de 1960, Portugal reforçou seu discurso assimilacionista nas denominadas Províncias Ultramarinas (Macagno, 2019). No plano internacional, o contexto do pós-guerra e, sobretudo, os processos inaugurados pela independência da Índia e pelos ecos da Conferência de Bandung criaram um caldo de cultura independentista, tanto na Ásia como na África. Nesse ínterim, as Nações Unidas começaram a pressionar para que a descolonização nos territórios portugueses fosse iniciada. Diante dos foros internacionais, os diplomatas portugueses insistiram que Angola, Guiné-Bissau e Moçambique eram extensões naturais de Portugal – juridicamente, “províncias” Ultramarinas – e, como tais, não poderiam ser consideradas simplesmente como colônias dependentes de uma Metrópole. Nessas circunstâncias, as formulações lusotropicalistas de Gilberto Freyre acerca das compatibilidades culturais e afinidades emocionais entre África e Portugal começaram a nutrir o discurso de funcionários favoráveis à causa colonial. Uma das respostas de Portugal aos crescentes ímpetos da descolonização se traduziu, finalmente, em 1961, na abolição do chamado Regime de Indigenato. O protagonista dessa medida foi o Ministro de Ultramar Adriano Moreira, que, não por acaso, constituiu-se no grande importador intelectual do ideário de Gilberto Freyre em Portugal e no Ultramar. A partir desse momento, todos os habitantes de Moçambique passam a ser considerados, ao menos no papel, “cidadãos portugueses”.

Cabe sublinhar que, apesar da apologia à miscigenação, o lusotropicalismo (e, na sua versão jurídica, o chamado *assimilacionismo*) não passou, necessariamente, pela promoção de um integracionismo diluente das diferenças étnicas. Ao contrário, a manutenção dessas diferenças em nome de um suposto multirracismo tolerante, sob o grande guarda-chuva da Nação/Império português, foi o traço distintivo desse período. A atitude celebratória e, como veremos, adulatória da administração colonial em relação à comunidade chinesa na Beira é parte desse contexto. A partir daí, o elemento integrador e assimilador passaria a estar regido pela promoção e aquisição dos valores culturais portugueses, dentre os quais a língua portuguesa e o catolicismo constituíam os diacríticos mais salientes.

A diocese católica da Beira foi criada em 1943. Conforme menciona Eduardo Medeiros (2006), na década de cinquenta, muitos jovens luso-chineses se converteram ao catolicismo. Ao que parece, os dois motivos mais importantes que favoreceram essas conversões foram: 1. O elevado número de crianças chinesas que passou a frequentar o ensino oficial português, em que a educação moral e cívica era obrigatória; 2. A atuação, no seio da comunidade, de um sacerdote português que falava cantonês e possuía alguns fundamentos da cultura chinesa.¹² Assim, em 1954, um grupo de jovens fundou a Associação Católica de Jovens Chineses graças à intervenção do padre Serafin Bruno Amaral, vinculado, por sua vez, ao bispo Sebastião Soares de Resende.

No que diz respeito ao ensino do português, cabe frisar que os primeiros rudimentos eram aprendidos pelos jovens chineses na própria Escola Chinesa, onde estudavam nos primeiros dois anos apenas o chinês. A partir do terceiro ano, iniciavam o estudo simultâneo do chinês e do português. No final desse ciclo, completavam, portanto, os seis anos de chinês e a “quarta classe” em português, exigida pelas autoridades portuguesas.

O momento de esplendor associativo, desportivo e econômico dos chineses da Beira (entre 1950-60) coincidiu com a iminência das primeiras independências africanas. Entretanto, apesar dos acontecimentos em Angola no início de 1961, Portugal continuava imaginando um futuro português para a África. Em 1962, foi formada a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO); em pouco tempo, a guerra entre esta e o exército português passou a ser uma realidade incontestável. Àquela altura, os chineses da Beira estavam plenamente integrados à vida social e econômica da cidade. Além de participarem, através do Clube Chinês e da Escola Chinesa, dos eventos de recepção de ministros, governadores e outras figuras públicas, os chineses haviam conquistado uma visibilidade na sociedade beirense através, sobretudo, da intensa atividade esportiva. Ao mesmo tempo em que alguns deles se tornavam notáveis empresários e comerciantes, seus filhos começavam a frequentar os liceus mais importantes da cidade e, dessa forma, a aceder a uma

¹² Medeiros (2006) também ressalta a influência de algumas famílias católicas portuguesas junto aos seus vizinhos chineses, sobretudo na Paróquia de S. João Baptista de Matabane, criada em 1º de setembro de 1963 e entregue à Companhia de Jesus, e a Paróquia do Imaculado Coração de Maria, no Alto da Manga, governada pelos padres combonianos. A Missão de S. Benedito da Manga, criada em agosto de 1947 e entregue, poucos anos mais tarde, aos Padres Brancos que ali estiveram até a sua saída, em 1971, e governada depois pelos Jesuítas, era essencialmente orientada à comunidade negra, não tendo por isso um impacto direto sobre os chineses. Já o colégio para meninas, sobretudo “mestiças”, dirigido pelas Franciscanas Missionárias de Cale, na Paróquia do Alto da Manga, foi bastante importante para a comunidade luso-chinesa.

formação profissional. Para utilizar um termo caro ao discurso colonial português da época, esse grupo estava, cada vez mais, *assimilado* à “cultura” portuguesa e à sociedade beirense. Porém, os casamentos e as redes de relações familiares e de parentesco permaneciam oficialmente restritos a um âmbito endogâmico, o que, em grande medida, reforçou a reprodução de uma etnicidade diferenciada em relação a outras categorias sociais existentes na sociedade tardo-colonial.¹³

Retratos do “simpático” Clube Atlético Chinês

Entre 1950 e 1960, os jornais *Notícias da Beira* e *Diário de Moçambique* começam a retratar, cada vez com mais atenção, acontecimentos relacionados à comunidade chinesa: eventos desportivos, reuniões com autoridades locais, festividades, bem como entrevistas e notas necrológicas. Essas matérias jornalísticas se encontram perpassadas por um tom celebratório e adulator. Aprendendo a ocupar “seu lugar” e colaborando prestimosamente com a sociedade beirense, esses chineses se tornariam, aos olhos dos seus adutores, “bons portugueses” e “simpáticos cidadãos”.

Tomemos, a título de exemplo, uma nota necrológica publicada em 1958 sobre o falecimento de Mon Man, dirigente da Associação Chinesa e da Escola Chinesa. A nota anunciava:

Após prolongado sofrimento, faleceu ontem na Casa de Saúde o velho colono Mon Man. O extinto, que era natural de Toi Shan – Cantão –, contava 66 anos de idade, 42 dos quais passados na nossa cidade, onde era comerciante. Desempenhava ainda as funções de Vice-presidente da Associação Chinesa, onde também tinha sido presidente, sendo grande obreiro da nova Escola daquela simpática Associação (*Diário de Moçambique*, 2 de setembro de 1958, p. 7).

Nessa nota de reconhecimento, um dos aspectos que mais sobressai é o uso do adjetivo “simpática” para se referir à Associação Chinesa. Mostraremos que esse tipo de enunciado – de imputação de simpatia – não constituía uma elaboração isolada. Ao contrário, era parte de uma narrativa tardo-colonial mais ampla, na qual a adulação em relação, ao menos, aos potenciais aliados constituía um traço onipresente.

¹³ Houve, de fato, relações – nem sempre publicamente reconhecidas – entre chineses e mulheres africanas (não temos registro, até o presente momento, de algum caso inverso).

Em outra ocasião, o alvo de atribuição de simpatia foi a Associação da Juventude Católica Chinesa da Beira. O jornalista ressalta os valores de “elevação”, “simplicidade” e “alegria” que emanavam daquele grupo. Tratava-se da comemoração do quarto aniversário da associação. O jornal comentava:

Comemorando o quarto aniversário da sua fundação e em honra de sua Padroeira Nossa Senhora da Conceição, a Associação da Juventude Católica Chinesa da Beira levou a efeito, no salão do edifício da Acção Católica, uma interessante festa, que decorreu num ambiente de muita elevação, simplicidade e alegria. Eram 15 horas quando o presidente da Associação Luis Chin, tomou a palavra para saudar todos os presentes, dar a razão de ser da festa e agradecer a quantos têm dedicado a sua atenção e carinho a essa jovem mas prestimosa e simpática agremiação, destinada a unir, amparar e estimular os jovens cristãos chineses da Beira (*Diário de Moçambique*, 10 de dezembro de 1958, p. 9).

Ao atributo de “simpática” agrega-se, na nota citada, o de “jovem” e “prestimosa”.

O mote da simpatia funcionou, ao longo das décadas de 1950 e 1960, como uma verdadeira narrativa de compatibilização das diferenças e, inclusive, como uma forma de distinguir os chineses de outras minorias asiáticas, que também habitavam a colônia. A construção dessa narrativa provinha tanto de escritores e jornalistas locais como de visitantes e cronistas circunstanciais. Em uma descrição do início de 1960, o hábito da simpatia, da disciplina e, sobretudo, da confraternização é contraposto, no caso dos chineses, à suposta deslealdade com a Nação atribuída aos indianos. O cronista em questão – Figueiredo Nunes – descreve-os como “ordeiros, trabalhadores, disciplinados, fazendo a sua vida própria, mas confraternizando com os portugueses”. E acrescenta: “os chineses da Beira são portugueses na sua maioria também e disso se orgulham [...] constituem uma comunidade bastante simpática de agricultores, pequenos comerciantes e, presentemente também, de pescadores. Ao contrário dos indianos que canalizavam por todos os meios legais e ilegais os seus lucros e rendimentos para a terra natal, os chineses investem normalmente os seus proventos no país de adoção, onde têm encontrado tão franca hospitalidade e tão cordial acolhimento” (Nunes apud Medeiros, 2006).

Contudo, foi, sem dúvida, no âmbito da prática do esporte – e mais especificamente em torno da prática do basquetebol –, que o adjetivo de simpáticos mais se expandiu e se reproduziu. Já em 1960, quando a equipe feminina ganhou o campeonato da Beira, o jornalista que cobriu o evento qualificou

a equipe como “campeã da simpatia” (*Notícias da Beira*, fevereiro de 1960). Na sua dinâmica classificatória de atribuição de um caráter, um *ethos* ou um estilo, o termo ia se tornando uma espécie de operador étnico recorrente para se referir aos luso-chineses como um todo.



FIGURA 1: “capitã da mui simpática turma de basquetebol do Atlético Chinês”¹⁴

Em 1954, Agostinho de Campos, jornalista do *Diário de Moçambique*, fez uma longa entrevista com o “avançado direito” do Atlético Chinês, João Ping (ou John Ping). Naquela época, João Ping contava com apenas 22 anos, mas perfilava como uma grande individualidade da sua equipe. Na entrevista, acompanhada também por uma fotografia, o jornalista se referia a João Ping como “O jogador nº 4 do simpático Atlético” (*Diário de Moçambique*, 15 de março de 1954, p. 6).

¹⁴ Essa reportagem, dedicada à capitã do time feminino do Atlético Chinês, foi publicada no jornal *Diário de Moçambique*, da Beira, em 24 de janeiro de 1954. O primeiro atributo que o título da nota anuncia para se referir a essa desportista é a “simpatia”. Na continuação, no final da primeira coluna, podemos ler: “É evidente que, para os desportistas locais, a sonância desse nome é familiar, Julieta Yee, gentil capitã da mui simpática turma de basquetebol do Atlético Chinês [...]”. Mais adiante o entrevistador descreve o contexto e o momento no qual a entrevista foi desenvolvida – um intervalo de um treino – e acrescenta: “Agora já toda a turma deixou o treino. Em nosso redor, o grupo é maior. Trocam-se impressões. Há uma sincera boa disposição. São simpáticas – extremamente simpáticas – as jovens do Atlético Chinês (*Diário de Moçambique*, 24 de janeiro de 1954)”.

Ouvindo um ás
John Ping
Um nome que é uma legenda
do nosso basquetebol



John Ping, um dos melhores basquetebolistas beirenses e, sem dúvida, de Moçambique

— Eu penso que os grupos capazes de o conquistar são o S. L. B. ou Ferroviário. Tratam-se de

Já estamos noutro capítulo.
— O que me diz sobre árbitros?
— Há-os em algumas escalas. Se me permite, no entanto, e sem, ao de leve que seja, querer magoar «A» ou «B», distingo: Virgílio Figueiredo (Gila), Afonso Domingues e Ribeiro da Silva. São os que, de facto, mais aprecio. Isto, repito, sem menosprezar os restantes. De resto a missão de todos eles é ingrata.
— E agora diga-me, John Ping, como encara a acção do público?
— Regra geral — o que, evidentemente, admite as usuais excepções — o público é bom. Em muitos momentos então distingue gentilmente as minhas equipas.
Há uma interrupção. Entram fregueses. Saem. Trocamos outras palavras. Dado que ainda não entramos na conversa suspensa momentaneamente há que apro-

FIGURA 2: O jogador nº 4 do simpático Atlético

...Passámos de seguida a inquirir do nosso interlocutor qual o momento de gratas recordações da sua ainda pequena, mas já brilhante, carreira desportiva. Uma curta paragem e vem um tanto receosamente, a resposta:

- Lembro-me do último jogo do campeonato, na época passada, em que, vencendo o S. L. B., conquistamos o título.
- Pela terceira vez consecutiva, interrompemos.
- Acrescente-se, isso não nos disse John Ping, um rapaz que tem tanto de modesto como de classe, que o nosso entrevistado realizou, naquele encontro, uma memorável exibição. Fez um daqueles jogos que ficam para sempre. Fez, afinal, um desafio à altura do seu real valor.
- Entretanto, o jogador nº 4 do simpático Atlético diz-nos mais (...) (*Diário de Moçambique*, 15 de março de 1954, p. 6)

Conforme o trecho reproduzido acima, outro valor atribuído a João Ping é a “modéstia”.

Mas antes disso, por volta de 1953, o *Diário de Moçambique* começou a publicar periodicamente uma seção dedicada às equipas de basquetebol da Beira,

intitulada “Galeria dos Campeões”. Por ali desfilariam a equipe masculina de “honras” do Atlético Chinês (ou seja, a equipe principal), bem como as equipes femininas e *juniores*. O título que acompanha a referida nota não poupa elogios: “Esta é a nossa melhor equipa de basquetebol: O Atlético Chinês” (*Diário de Moçambique*, 9 de abril de 1953, p. 4). O grupo é apresentado como “consciente” e “simpático”.



FIGURA 3: “Grupo consciente e simpático este Atlético”

Apresentar a equipa de basquetebol do Atlético Chinês vencedora pela terceira vez consecutiva do Campeonato da Beira é tarefa simples.

O valor dos “cinco” há muito está firmado e para os inúmeros adeptos do jogo de “bola ao cesto” as convincentes exibições da turma no decorrer da prova testemunhariam eloquentemente todos os adjectivos que empregássemos ou o uso da mais rendilhada fraseologia.

Grupo consciente e simpático este Atlético (*Diário de Moçambique*, 9 de abril de 1953, p. 4).

Quase duas semanas mais tarde, chegou a vez de prestar homenagem à equipa júnior do Atlético. Uma vez mais, as “Duas palavras” da nota de apresentação

da equipe se iniciam com a categoria de adulação, já tantas vezes repetida: “A equipa de juniores do simpático Atlético Chinês é, sem sombra de qualquer dúvida, uma turma de futuro” (*Diário de Moçambique*, 24 de abril de 1953, p. 4).



FIGURA 4: “Eis um combinado de futuro”

A equipa de juniores do simpático Atlético Chinês é, sem sombra de qualquer dúvida, uma turma de futuro. Cem por cento vitoriosos, no Campeonato Regional, impressionou todavia muito mais pela apreciável categoria que os rapazes patentearam, fruto de um trabalho metódico e paciente [...] Nestes jovens “atléticos” a colectividade tem uma sólida garantia da continuidade do seu valor no popular desporto da “bola ao cesto”. Os valorosos juniores do Atlético – como aliás o Clube – pela sua dedicação à modalidade, bem merecem – e têm – o apreço de todos os nossos desportistas (*Diário de Moçambique*, 24 de abril de 1953, p. 4).

Poucos dias depois, o mesmo jornal realizou uma homenagem à equipa feminina do Atlético. Naquela ocasião, os membros foram qualificados como “briosos”, “aprumados” e “bons esportistas”. O atributo da “simpatia” também voltou

a aparecer. Dessa vez, o termo aparece três vezes ao longo do mesmo texto (uma para se referir ao Atlético como um todo, as outras duas, para descrever a sua capitã):

O Clube Atlético Chinês é uma colectividade simpática. A afirmação é antiga e há muito foi forjada na grande oficina do desporto onde se moldam sentimentos nobres e ideais alavancados. O popular Atlético, pelo seu indesmentível valor na modalidade a que se dedicou – o basquetebol –, pela sua comprovada dedicação à causa desportiva e ainda pelo constante aprumo dos seus atletas, nas pugnas atléticas, tem jus ao apreço de todos os verdadeiros desportistas.

Na sua maioria naturais da Beira (o grupo feminino que o apresentam os é todo [sic]), os representantes do Atlético – raparigas ou rapazes – são uma força do nosso desporto e um motivo de justa satisfação para todos.

Briosos, aprumados, bons desportistas, em suma, o Atlético é merecedor de mais esta homenagem singela. Aqui a deixamos publicando a foto do seu grupo feminino de basquetebol, que tem como capitã a muito simpática Maria Julieta. Simpática e excelente jogadora, esclareça-se. (*Diário de Moçambique*, 28 de abril de 1953, p. 4)



FIGURA 5: O grupo feminino do Atlético Chinês

O parágrafo anteriormente reproduzido foi acompanhado da imagem acima, na qual aparecem as jogadoras do Atlético Chinês. No primeiro plano, sentadas e a partir da esquerda, podemos ver: Herminia Law, Sun Jiep e Sui Fong; no segundo, em pé: Hang Ling, Ching Chong, Lidia Sui, Gan Yee e “Maria Julieta”.

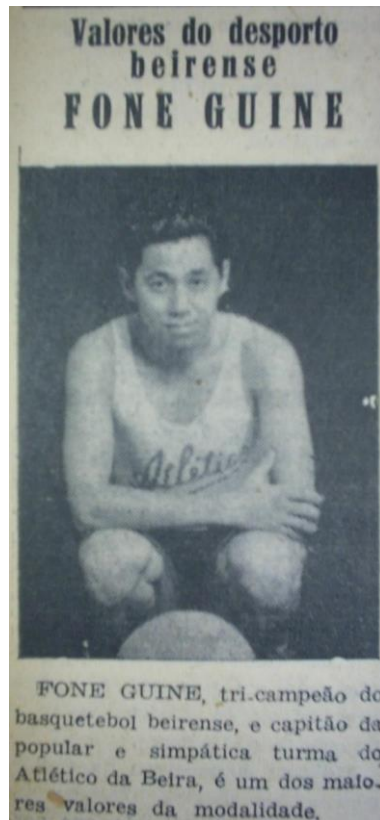


FIGURA 6: “capitão da popular e simpática turma do Atlético”¹⁵

Entre o final de 1950 e início de 1960, alguns jogadores e jogadoras do Atlético Chinês começam a ter um destaque nacional, sendo, inclusive, convidados por dirigentes de clubes portugueses para continuarem suas carreiras no basquetebol profissional na Metrópole. Tal é o caso de Quen Gui que, em 1964, foi contratado para jogar na Acadêmica, em Coimbra. Tempos depois, em plena “guerra colonial”, Quen Gui foi mobilizado para defender a bandeira portuguesa.

¹⁵ Essa foto corresponde a uma pequena homenagem que o *Diário de Moçambique* realizou ao capitão do Clube Atlético Chinês. Logo abaixo da foto, podemos ler: “Fone Guine, tri-campeão do basquetebol beirense, e capitão da popular e simpática turma do Atlético da Beira, é um dos maiores valores da modalidade” (*Diário de Moçambique*, 12 de maio de 1954).

Assim, permaneceu entre 1972 e 1974 atuando como furriel do exército na província de Tete, uma das regiões de Moçambique onde a guerra contra a FRELIMO se desenvolvia com mais intensidade. Quen Gui participou de numerosos campeonatos nacionais em Portugal e ainda hoje é lembrado como uma das grandes figuras históricas do Clube. Outro dos chineses beirenses que jogou, durante um período, na Acadêmica de Coimbra foi “Gino” (Vei Yin), que vive atualmente em Brasil.

O contexto de elaboração das narrativas jornalísticas acima referidas coincide com o momento no qual Portugal pretendia mostrar à comunidade internacional uma singular vocação ultramarina. Essa posição se radicalizou quando, diante das pressões descolonizadoras externas, o salazarismo esgrimiou o argumento da suposta existência de uma irreversível conexão emocional entre metrópole e colônias. Tratava-se de uma espécie de política colonial dos sentimentos que bebia, com entusiasmo, das fontes lusotropicalistas criadas por Gilberto Freyre: “Somos pobres materialmente, mas ricos de espírito” ou “Somos um país pequeno, mas o nosso coração é grande”, rezavam alguns dos slogans preferidos da época. Em grande medida, essa dimensão da emocionalidade permite abordar de forma singular os processos de construção do Outro como um “próximo-distante” e como um virtual membro da “família” lusa. No caso dos chineses da Beira, seus talentos para exercer o papel de bons portugueses residia, também, em outros dois bons atributos igualmente valiosos para a administração colonial. Em primeiro lugar, tratava-se de uma comunidade que descendia dos velhos opositoristas republicanos, mais tarde contrários ao regime de Mao Tse Tung. Situavam-se, portanto, nas antípodas da “ameaça comunista”. Por outro lado, o *habitus* dos chineses beirenses – e seu *ethos* sempre orientado à ascensão social e econômica – acomodou-se sem inconvenientes às investidas modernizadoras da administração portuguesa desse período. Ao mesmo tempo, o exercício dessa modernidade não era incompatível com uma herança civilizacional milenária, ritualizada em certas festividades públicas, como a comemoração na Beira do Ano Novo chinês. A evocação ritual dessa data – bem como de outras celebrações – fazia com que ela se tornasse etnicamente inofensiva às pretensões assimiladoras de Portugal. Tratava-se, certamente, de um retorno meramente festivo à China. Ao mesmo tempo, a incorporação simbólica desse passado não destoava do ideal civilizatório português perpassado, muitas vezes, por uma admiração orientalista singular. Ambos os universos civilizatórios, longe de se anularem, podiam se admirar e reconhecer reciprocamente.

Lusotropicalismo como sinofilia

Em 1952, o mentor do lusotropicalismo – Gilberto Freyre – visitou, na Beira, os luso-chineses. A visita era parte de uma viagem maior que o escritor brasileiro realizava por várias Províncias Ultramarinas, em virtude de um convite que, na altura, fora-lhe feito pelo ministro de Ultramar, Sarmento Rodrigues. O lugar do encontro de Gilberto Freyre com os luso-chineses foi, precisamente, o Chee Kung Tong Club, ou seja, o velho edifício construído pelos chineses da Beira em 1923. Ali, na presença do governador de Manica e Sofala e de várias autoridades locais, Shung Chin, presidente da Associação Chinesa, apresentou as boas-vindas a Gilberto Freyre nos seguintes termos:

Nós, os chineses, emigramos para esta cidade da Beira, já lá vão 50 anos, na luta pela vida. Com o nosso trabalho árduo mas paciente, com o espírito de observar as leis e ganhar amizades, gozando da boa administração do Governo Português, de direitos e de liberdades, onde não tem lugar a injusta distinção de raças ou de cores. (Chin, 1953, p. 336)

Aquelas foram palavras que, sem dúvida, buscaram agradar não apenas ao visitante circunstancial – neste caso, Gilberto Freyre –, mas, também, às autoridades coloniais que estavam presentes. Nesse discurso, o presidente da Associação Chinesa buscou, sobretudo, passar uma imagem de boa consciência e compromisso por parte dos chineses com o futuro de Portugal em Moçambique. O tom assumido corroborava, mais uma vez, os esforços dos membros da comunidade chinesa para se tornarem obedientes cidadãos e bons portugueses. Na sequência, o presidente da Associação Chinesa aproveitou o momento para sensibilizar os seus interlocutores acerca do projeto de construção, ao lado das instalações do Club Chinês (Chee Kung Tong), da Escola Chinesa. Indiretamente, veiculam-se àquele relato as estatísticas que a comunidade chinesa da Beira possuía, em 1952, concernentes aos seus próprios membros:

Nesta cidade contamos mais de duzentas e tal crianças, em idade escolar. Precisamos de levantar um edifício escolar conveniente, onde os nossos filhos possam, a par da cultura chinesa, auferir os benefícios da educação portuguesa [...] Amamos o amor, a concórdia e a fraternidade dos povos entre si, bem como entre os indivíduos. Para isso, porém, são indispensáveis a instrução e a educação. E porque sabemos que estas coisas interessam ao Sr. Dr. Gilberto Freyre, a elas nos referimos, como fator de progresso e de desenvolvimento cultural desta progressiva cidade da Beira. (Chin, 1953, p. 337).

Apesar da realidade do trabalho forçado e da persistência do Regime de Indigenato, Gilberto Freyre insistia, na época, em anunciar ao mundo a suposta singularidade colonial portuguesa. É claro que, em face do triunfo do Partido Nacional na África do Sul, em 1948, e o consequente início do *Apartheid*, o discurso lusotropical conseguiria, ao menos durante alguns anos, manter a sua eficácia. Não devemos esquecer que, naquele momento, a UNESCO se disponibilizava a realizar – juntamente com vários sociólogos e antropólogos dos Estados Unidos e do Brasil – um grande projeto de pesquisa sobre “relações raciais” no Brasil. Diante do trauma do genocídio na Europa do pós-guerra e da continuidade da segregação racial nos Estados Unidos, as pesquisas da UNESCO buscavam testar, no terreno, os alcances e os limites da invenção lusotropicalista.

Pouco antes da febre lusotropicalista, em 1947, aconteceu a Independência da Índia. Imediatamente, o nacionalismo pan-arabista e o crescente movimento afro-asiático, cujo antecedente marcante foi a conferência de Bandung, colocaram Portugal em alerta. Efetivamente, mais tarde, Portugal perdeu Goa, e os indianos de Moçambique passaram a ser considerados inimigos. Na década de 1950, um novo “perigo” se somou à ameaça desnacionalizadora asiática: a iminente influência do mundo árabe-muçulmano nos processos de emancipação colonial. Portugal tentou reagir. Em 1961, e em face das pressões internacionais, o Regime de Indigenato, que separava juridicamente “indígenas” de “assimilados”, foi abolido. Com essa medida, ao menos nos papéis, todos os habitantes das chamadas Províncias Ultramarinas passaram a ser cidadãos portugueses.

Foi nesse período que o lusotropicalismo fez sua entrada triunfal. O promotor da incorporação das ideias de Freyre à imaginação colonial de Portugal foi, como adiantamos, o ministro de Ultramar Adriano Moreira – especialista em direito internacional, redator do referido decreto de abolição do Indigenato e professor do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Porém, um antecedente notável da invenção lusotropicalista encontra-se nos discursos que Gilberto Freyre pronunciou ao longo da mencionada viagem pelas Províncias Ultramarinas, na década de 1950. Naquele seu encontro com os luso-chineses na Beira, Gilberto Freyre agradeceu a hospitalidade recebida no Chee Kong Tong com um indubitável tom orientalista e lusotropicalista:

Deve haver alguma coisa de semelhante entre o Brasil e a velha mas sempre moça civilização chinesa, com a qual os portugueses estabeleceram, em Macau, profunda aliança, baseada não na força, mas no amor fraternal, não no poder imperial de uns sobre outros, mas na compreensão recíproca. Deve haver alguma coisa de semelhante entre a China por assim dizer eterna e o jovem e

ainda verde Brasil... Folgo de encontrar-vos nesta antiga e histórica província lusitana, em relações da mais amorosa compreensão com a gente e a cultura portuguesas. E agradeço as homenagens, a cordialidade, o carinho com que recebeis aqui um brasileiro: um filho da chamada “China da América” (Freyre, 1953, p. 240).

“Amamos o amor, a concórdia e a fraternidade dos povos”, dizia o presidente da comunidade chinesa no seu discurso. Entretanto, Gilberto Freyre insistiria nesse “amor fraternal” que teria caracterizado a relação entre portugueses e chineses em Macau. Para além de uma espécie de “construção colonial da simpatia”, o lusotropicalismo assume aqui – evocando o trabalho de Christian Geffray – a forma de um “discurso do amor na servidão” (1997, pp. 361-372). Alguns anos depois daquele seu encontro com os chineses da Beira, Gilberto Freyre publicou, em 1959, um ensaio intitulado “Por que China Tropical?”, em que reforçava a busca de compatibilidades entre o “Oriente” e o “mundo português”, desta vez, através de analogias entre a civilização chinesa e o Brasil (a “China Tropical”), como ele mesmo afirmara: “Duas Chinas cuja presença no mundo moderno tende a tornar-se cada vez mais significativa” (Freyre, 2003, p. 228). Sem dúvida, naquela época, Gilberto Freyre não podia imaginar que, quase vinte anos mais tarde, muitos desses luso-chineses e seus filhos se instalariam no Brasil.

Com a independência de Moçambique, o ténue fio de simpatia – aquele que fazia dos chineses “bons portugueses” – rompeu-se. As circunstâncias políticas mudaram. No Portugal da Revolução dos Cravos, a figura dos *retornados*, incluindo a dos luso-chineses, passou a se tornar incômoda. Em contrapartida, o Brasil da ditadura militar, governado, àquela altura, por Ernesto Geisel – e no contexto das políticas de recepção aos *retornados* da África portuguesa –, permitiu-lhes o acesso aos vistos de estadia e autorizações de trabalho.

Será essa dispersão, que os chineses da Beira começaram a experimentar a partir de 1975, uma espécie de profecia autorrealizada, alimentada pela sua perpétua condição de próximos/distantes? Nunca completamente portugueses, nunca completamente chineses, a possibilidade de um futuro moçambicano para esses outrora simpáticos acabou se transformando numa quimera, logo no início do processo da independência: “agora eu sou um africano, de origem chinesa, nacionalidade portuguesa, naturalizado brasileiro”, confessava um dos meus interlocutores no Brasil, enquanto se lembrava da sua pacata vida na Beira dos anos de 1960.

Não é possível traçar um itinerário comum na experiência dessa dispersão. Os beirenses cujas famílias possuíam uma rede de relações culturais e comerciais

que se estendiam a lugares como Hong Kong, Macau, Taiwan ou Singapura conseguiram construir estratégias para a sua saída, bem como prepararem materialmente suas vidas fora de Moçambique. Já aqueles que, no momento da dispersão, não puderam contar com a ajuda de parentes distantes, tiveram alguma colaboração por parte de funcionários consulares nos seus respectivos países de destino, sobretudo no Brasil, onde, a partir do mencionado acordo com Portugal, os “retornados” das ex-colônias – incluído os chineses beirenses – tiveram alguma proteção diplomática. Tal como reconheceu um deles que hoje vive em Curitiba: “Nós éramos refugiados de primeira categoria”.

Entre o final de 1940 e o início de 1950, talvez em virtude das exigências administrativas pautadas por um assimilacionismo crescente, o Thung Hua Athletic Club passou a ser denominado Clube Atlético Chinês. Essa renomeação luso-cêntrica não constituiu um detalhe menor. O “mundo português” e a China eram dois universos entre os quais a comunidade chinesa de Moçambique e seus descendentes se debatiam. Quando o convite para assumir o papel de bons portugueses foi, por assim dizer, apresentado de uma forma mais explícita, os chineses da Beira não encontraram inconvenientes em aceitá-lo. Contudo, as circunstâncias sociopolíticas posteriores fizeram com que não pudessem assumir, até as últimas consequências, uma portugalidade que, mais tarde, ser-lhes-ia negada com a mesma ênfase com a qual antes lhes fora oferecida. A partir de 1975, ano da independência de Moçambique, os “lusos-chineses” – e sua diáspora – tiveram que se adaptar a uma “cidadania flexível” (Ong, 1999).

Conclusão

Retornemos ao pequeno relato de Mia Couto. Não é um acaso que aquela criança – transformada, mais tarde, em famoso escritor – tenha sucumbido aos encantos de Sui Mei, a graciosa basquetebolista chinesa. Suas lembranças, não podemos deixar de reconhecer, estão embebidas de um difuso orientalismo. Em grande medida, a imaginação orientalista parece englobar um paradoxo intrínseco: aproxima ao mesmo tempo que exotiza, “simpatiza” (e empatiza) ao mesmo tempo que marca diferenças. O esporte foi, para os cronistas da época, uma espécie de mapa no qual era possível ler e interpretar o caráter, o modo de ser, o *ethos* dos chineses. Ao mesmo tempo, a atribuição da simpatia operava como um catalisador para a construção de obrigações recíprocas de lealdade: ser bons portugueses

implicava uma prova cotidiana, um exame permanente ou, evocando – em outro contexto – a conhecida fórmula de Ernst Renan, “um plebiscito de todos os dias”.

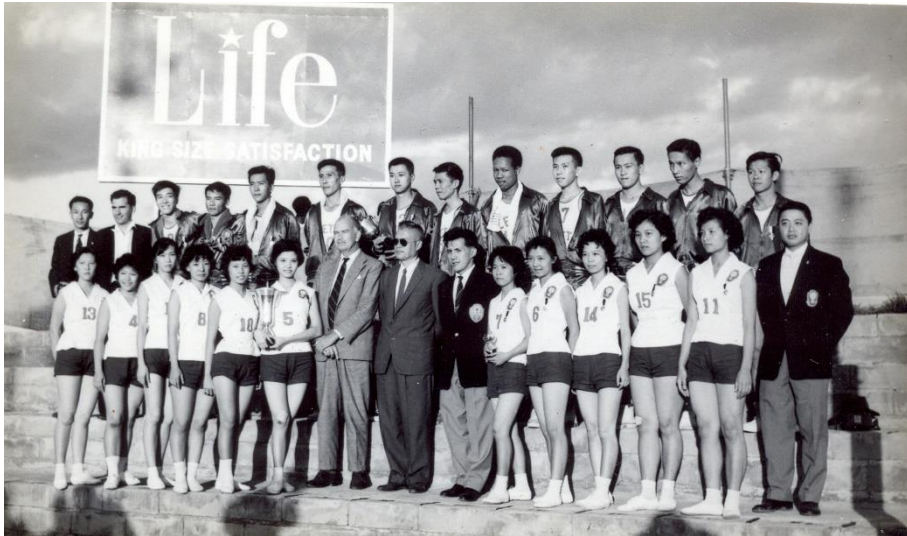


FIGURA 7¹⁶

As narrativas de afinidade evocadas nas páginas precedentes não se produziram em um ambiente político neutro. Tratava-se de um período no qual Portugal radicalizava seu discurso multirracista num contexto de pressões internacionais. A peculiaridade da presença chinesa na Beira tardo-colonial revela que os afetos também constituem uma substância fundamental para a construção da governabilidade colonial. Esse corolário nos posiciona – tal como propõe Danilyn Rutherford – a favor de uma “concepção materialista da empatia” (2009, p. 5) apoiada, portanto, em uma perspectiva empírica e interacionista das relações sociais. Tal perspectiva, por sua vez, propicia “[...] uma enriquecedora compreensão da relação entre afeto e Império” (idem, 2009, p. 5). Eis o que Amit S. Rai, na sua análise sobre o Império Britânico na Índia, denomina de “política da empatia” (Rai, 2002). Trata-se, por fim, de pensar, como sugere João de Pina Cabral (2000, pp. 124-140), a “estrutura emocional do colonialismo”.

O universo das sensibilidades, das corporalidades e das sensualidades é, em grande medida, condição *sine qua non* da discursividade e da invenção orientalista

¹⁶ Essa imagem, de início de 1960, corresponde a uma visita que os jovens do Atlético Chinês fizeram a Salisbury (atual Harare) para participar de um campeonato junto a equipes locais. Sui Mei, a personagem do relato de Mía Couto, aparece no centro, com a camisa número 7 (Foto: gentileza de Kwan Vei Quio, Curitiba).

e lusotropicalista. Por isso, na experiência colonial aqui retratada, o esporte aparece como uma dimensão incontornável. Edward Said, no seu conhecido livro, adverte-nos: “A minha ideia é que o Orientalismo deriva de uma intimidade particular experimentada entre a Grã-Bretanha, a França e o Oriente [...]”. (Said, 2015, p. 30). Há, entre intimidade e simpatia, entre orientalismo e lusotropicalismo, uma relação metonímica significativa. Como gramática colonial, o lusotropicalismo se tornou uma espécie de sociologia básica da simpatia, ora como mascarador da violência, ora como estrutura capaz de gerar universos de significados e poderosas mitologias nacionais e Imperiais.

Referências bibliográficas

- Castelo, C. (2008). O Outro no labirinto imperial: orientalismo e luso-tropicalismo. Em Carmo, R. M.; Melo, D.; Blanes, R. L. (ed.). *Globalização no Divã*. Lisboa: Tinta-da-China, pp. 295-315.
- Chin, S. (1953). Discurso do Sr. Shung Chin, presidente da Comunidade Chinesa de Sofala e Manica, no Clube Chee Kung Tong, da Beira. Em Freyre, G. *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, pp. 335-337.
- Couto, M. (2010). A China dentro de nós. Em Couto, M. *Pensageiro frequente*. Alfragide: Editorial Caminho, pp. 39-43.
- Freyre, G. (1953). *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Freyre, G. (2003). *China Tropical, e outros escritos sobre a influência do Oriente na cultura luso-brasileira*. Brasília: Editora UnB.
- Geffray, C. (1997). Le lusotropicalisme comme discours de l’amour dans la servitude. *Lusotopie. Enjeux contemporains dans les espaces lusophones*. Paris: Khartala, pp. 361-372.
- Ginzburg, C. (2011 [1986]). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Em Ginzburg, C. *Mitos, Emblemas, Sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 143-179.
- Macagno, L. (2012). Árabo-muçulmanos no imaginário luso-tropicalista. Em Castelo et al (org.). *Os Outros da Colonização. Ensaio sobre o colonialismo tardio em Moçambique*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 51-69.
- Macagno, L. (2013). À propos de l’orientalisme de Gilberto Freyre. Em Benlabbah, F. (coord.). *L’Afrique, le Portugal et le Brésil. Trajectoires, mémoires et identités*. Rabat: IEHL, pp. 11-31.

- Macagno, L. (2019). *A invenção do assimilado. Paradoxos do colonialismo em Moçambique*. Lisboa: Edições Colibri.
- Medeiros, E. (2006). Crenças e práticas religiosas dos sino-moçambicanos da Beira (Moçambique). *V Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico*, Centro de Estudos Sociais da Universidade da Beira Interior, 5, 6 e 7 de maio de 2006 (Editado em CD-Rom).
- Medeiros, E. (2013). Etnia e raça no desporto beirense da época colonial: o caso dos "sino-moçambicanos". *Cadernos de Estudos Africanos*, Lisboa, (26), 43-81.
- Ong, A. (1999). *Flexible Citizenship. The Cultural Logics of Transnationality*. Durham & London: Duke University Press.
- Pina Cabral, J. (2000). Galvão na terra dos canibais. A constituição emocional do poder colonial. *Novos Estudos*, São Paulo, (57), 124-140.
- Rai, A. S. (2002). *Rule of Sympathy. Sentiment, Race, and Power 1750-1850*. New York: Palgrave.
- Rutherford, D. (2009). Sympathy, State Building and the Experience of Empire. *Cultural Anthropology*, 24(1), 1-32.
- Said, E. W. (2015 [1978]). *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Yap, M. & Leong Man, D. (1996). *Color, Confusion and Concessions. The History of the Chinese in South Africa*. Hong Kong: Hong Kong University Press.